



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Moreira, Virginia

O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em
Psicopatologia

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 447-456

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817316>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta na Pesquisa em Psicopatologia

Virginia Moreira¹
Universidade de Fortaleza
Harvard Medical School

Resumo

Na medida em que existem várias e não uma única fenomenologia, a metodologia fenomenológica de pesquisa em psicopatologia sofre variações, de acordo com o pensamento filosófico que a sustenta. Este artigo descreve a leitura que Merleau-Ponty realiza do pensamento de Husserl, apontando para seu potencial enquanto ferramenta em psicopatologia. Propõe um enquadre a partir da perspectiva de múltiplos contornos, onde os pressupostos incluem um instrumento que priorize a experiência, a utilização de variáveis descritivas e a hipótese de que compreendendo esta metodologia como intimista, prestando-se, portanto, ao uso de vinhetas ou trechos de análise fenomenológica mundana, de base merleau-pontyana onde, em vez de se buscar a essência, busca-se a experiência vivida. Propõe, finalmente, o sair dos parênteses como última etapa de análise, onde o pesquisador abandona a redução fenomenológica para assumir sua posição mundana, evitando o pensamento de sobrevoação e a neutralidade científica.

Palavras-chave: Método fenomenológico; Merleau-Ponty; crítica; psicopatologia.

Merleau-Ponty's Phenomenological Method as a Critical Tool to the Research on Psychopathology

Abstract

Having in mind that many, rather than only one phenomenology exist, the phenomenological methodology of research in psychology and psychopathology varies according to the philosophical thought by which it is sustained. This article describes briefly the re-reading that Merleau-Ponty does of Husserl's thought, pointing to its potential as a critical tool in psychopathology. It proposes a perspective of multiple contours as a framework, which includes an instrument that uses descriptive variable and hypothesis as suspicion. It understands itself as an intimate methodology that uses vignettes or part of the talks. It describes a worldly phenomenological analysis, based on a merleau-pontyana where rather than the essence, the meaning of the lived experience is searched. It finally proposes leaving the parentheses as the last step of the analysis, where the researcher stops doing the phenomenological reduction. The researcher abandons the phenomenological reduction to assume its worldly position, thus avoiding the over flight thought in the form of a pretended scientific neutrality.

Keywords: Phenomenological method; Merleau-Ponty, critical, psychopathology.

Costuma-se falar de método fenomenológico de pesquisa em psicologia sem que se leve em conta características e nuances específicas da fenomenologia de cada um dos grandes nomes deste movimento. De que fenomenologia estamos falando? Da de Husserl, o fundador da fenomenologia em seu idealismo transcendental? Da de Heidegger, com sua ontologia do ser-no-mundo? Da de Merleau-Ponty, com sua fenomenologia

(1989), entre outros, que raramente se trata de métodos de pesquisa. Este artigo descreve a literatura específica desta abordagem fenomenológica de pesquisa, na qual se busca

Sabemos que, para o investimento em pesquisa fundamental ter uma base filosófica, não basta pensar como

Husserl, para em seguida discutir as implicações do pensamento de Merleau-Ponty no método fenomenológico de pesquisa em psicopatologia.

Pressupostos Filosóficos

A re-leitura da fenomenologia de Husserl por Merleau-Ponty

No prefácio da *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945) faz uma re-leitura da fenomenologia husserliana, criticando o idealismo transcendental e transpondo a essência idealista para a existência factual em fenomenologia:

A fenomenologia é o estudo das essências; e todos os problemas, segundo ela, voltam a definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que recoloca a essência na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma, que não seja a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental, que põe em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre lá, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço de reencontrar o contato ingênuo com o mundo pode lhe dar, enfim, um status filosófico. (p. I)

Percebe-se que Merleau-Ponty não interpreta Husserl ao pé da letra, mas percorrendo o seu caminho e retomando o pensamento do criador do método fenomenológico, principalmente a partir de seus últimos textos da *Husserliana*, só recentemente publicados parcialmente em francês (Husserl, 2001) e não publicados ainda em português, o que dificulta o acesso ao pensamento do Husserl tardio, de que trata o filósofo francês. No Brasil, quando se fala em fenomenologia, o mais comum é que se esteja falando de Husserl, e do primeiro Husserl apenas.

Merleau-Ponty (1945) entende que a consciência não é consciência sozinha e critica a idéia de que sou produto de uma coisa, na medida em que esta afirmação exige uma experiência. A fenomenologia não caminha, então, na direção

quem as relações não são bilaterais, reconstruído pelo sujeito. Ao contrário, pensar, defenderá a idéia de que homem é homem, o homem é parte do mundo e vice-versa, então, do enraizamento do homem no mundo, “atolamento congênito” o que justificará a utilização da redução fenomenológica como método lógico para que o pesquisador alcance a realidade, não se possa esquecer que a maior característica da fenomenológica é que esta nunca é completa, a prática da redução fenomenológica será sempre nunca inteiramente realizada, exatamente por ser intrínseca ao homem. Para Merleau-Ponty, de Husserl foi pensar que para ver o mundo como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele. Esta familiaridade nunca poderá ser totalmente rompida e é por isso que se deve sempre partir de uma “o maior ensinamento da redução é a incompleta redução completa” (Merleau-Ponty, 1945, p. I).

Para o pesquisador fenomenólogo, a redução é para revelar o mundo, ou seja, duvidar do mundo e dar-se conta dele (Moreira, 1987). Mas a fenomenologia é idealismo transcendental. Seu destino é, portanto, a fenomenologia é o contato com a facticidade. Não é, então, possível ver a essência e é um grande engano pensar a essência do mundo: “a fenomenologia recoloca a essência na existência” (Merleau-Ponty, 1945, p. I).

Percebe-se que a leitura que Merleau-Ponty faz de Husserl privilegia a posição de Heidegger sobre uma leitura essencialista. A busca das essências é um meio de revelação da existência e não se pode pensar a essência desvinculada do acontecimento. Compreender, então, significa distinguir cada acontecimento. Como assinala Johnstone

... tanto Husserl como Merleau-Ponty eram críticos do método fenomenológico, mas o que eles queriam dizer por “experiência” e “fenômeno” a partir de

A noção de verdade em Merleau-Ponty caminha, então, na direção do sentido que aparece e desaparece, escapa, na opacidade do mundo. A verdade é um movimento em constituição, não um estado. Esse momento se constitui na minha relação com o mundo, no meu campo perceptivo e o que caracteriza a essência dessa verdade é o mistério inesgotável, uma gênese perpétua, sempre aberta. A verdade é mistério, infinitamente recomeçando, inesgotável. Trata-se de revelá-lo. Merleau-Ponty abole verdades fechadas e pensamentos idealistas. Põe a fenomenologia de pé no mundo. O conhecimento é sempre inacabado, não existe absoluto. Sua perspectiva tem uma postura política que desautoriza qualquer tipo de totalitarismo:

Do olhar fenomenológico com múltiplos contornos²

Em *La doute de Cézanne*, Merleau-Ponty (1966) faz uma analogia entre sua filosofia e a pintura de Cézanne, mostrando que nesta pintura pode-se constatar que o real se mistura com a realidade, deformando, assim, a realidade. Para Merleau-Ponty, a pintura de Cézanne, assim deformada e com múltiplos contornos, é muito mais real que uma fotografia, por exemplo, que pretende retratar a realidade exata de um determinado momento. A fotografia perde o movimento e separa o real do imaginário, o que a transforma em algo fictício, irreal, já que a realidade, tal como percebida,

como uma massa densa, um orga
A cor lhe dá textura e consistên
contornos e não de um traço ú
que a pintura de Cézanne retrata
Merleau-Ponty pela ruptura defi
do reconhecimento das amb
humano na idéia de múltiplos
2001).

Em estudos anteriores (Moraes e Sloan, 2002) utilizei esta idéia de uma compreensão fenomenológica propondo a compreensão do mundo *sem contornos*. O vivido na psique com a pintura de Cézanne, é possível que tenha limites em alguns momentos, ocorrendo o processo psíquico. Por outro lado, o *neurótico* com as síndromes de caráter enriquecido, são caracterizadas por comportamentos que não tão pouco vive um múltiplo contorno, mas um contorno rígido, supostamente com pouca ou nenhuma cor, sendo a realidade exatidão mentirosa que Merleau-Ponty chama de fotografia. Nesta perspectiva, a existência estacionada, sem movimento, não se sem contornos com a realidade, mas com contornos rígidos, vivendo um mundo descolorido.

Retomo, agora, esta compreensão a partir dos múltiplos contornos da pesquisa em psicopatologia, tanto em tantas origens que se mesclam, sempre mutuamente, assim como na psicologia.

Neste artigo entendo psicopatologia [de psic(o) + patologia] como *patologia do estudo das causas e natureza das doenças*. O grego – *psyché* – e significa alento, sopro, afecção, dor, pato, que também significa ‘doença, paixão, sentimento’.

seguir. Ou seja, a descrição e a redução serão artifícios para revelar o mundo. A psicopatologia é entendida de forma mundana, com seus múltiplos contornos. Passemos, então, à aplicação prática desta perspectiva teórica e filosófica na pesquisa em psicopatologia.

Pressupostos Metodológicos

Tradicionalmente a pesquisa fenomenológica, ou melhor dizendo, os vários modelos de pesquisas fenomenológicas, ainda que divergentes em tantos outros aspectos são unânimes em alguns, o que aliás diz de seu caráter fenomenológico, apesar de suas diferenças. Entre estes, a busca do significado da experiência será o sempre o fim último da pesquisa fenomenológica. O que será diferente será o modo de compreensão deste significado. Ele poderá ser uma compreensão idealista, e aí a descrição buscaria alcançar a essência, dentro de um modelo husserliano mais tradicional, idealista. Ou poderá ser uma compreensão mundana, dentro da visão merleau-pontyana, eminentemente crítica. Por exemplo, na pesquisa da psicopatologia da depressão, o pesquisador poderá estar buscando a essência desta doença (dentro da tradição fenomenológica idealista), que consistirá na descrição e compreensão do que é invariante, ou universal nesta patologia, o que estaria mais próximo da abordagem fenomenológica de Jaspers (1996), que em 1912 inaugura o início da psicopatologia enquanto um campo de estudos próprio, com sua proposta de uma Psicopatologia Geral. Ou poderá estar buscando compreender a experiência da depressão com seus significados de múltiplos contornos, isto é, determinados por aspectos endógenos, culturais e situacionais (Moreira, 2002) que consiste em compreender o significado da experiência depressiva enquanto uma experiência mundana. Obviamente este artigo se insere na segunda opção de pesquisa. Não busca a essência da patologia mental, mas seu significado, entendendo que, como ferramenta crítica, o método fenomenológico pode ser extremamente útil para o desenvolvimento de uma psicopatologia crítica:

de uma compreensão des-ideologizadora das pesquisas psicopatológicas onde, a partir da crítica ao complexo arcabouço ideológico que sustenta a pesquisa hoje, se construam caminhos para uma psicopatologia além, perpassada pela utopia de uma psicologia comprometida com o humano. (Moreira, 2002, p. 102, as orelhas)

Um instrumento que priorize a experiência

O instrumento é o artifício utilizado para investigar sobre o fenômeno que se pretende compreender. É sobre o caminho que se pretende seguir para a descrição da experiência, a entrevista tem sido amplamente utilizado por pesquisadores. Na verdade, a entrevista e talvez o instrumento mais utilizados pelos vários métodos qualitativos, tais como o Estudo de Caso, etc. No caso da utilização da entrevista na pesquisa fenomenológica, ele tem sido bastante específico. Trata-se de uma entrevista estruturada, pautada em uma pergunta norteadora, a pergunta de Amatuzzi (1993). Esta pergunta pode estar na forma de duas ou três, mas que visem a compreender o significado da experiência pesquisada. No caso da experiência psicológica, a pergunta terá como objetivo a descrição da experiência, alcançar o seu significado que, a partir dos múltiplos contornos, inclui significados culturais, psicológicos, ideológicos entre outros. A pergunta tem o potencial de compreensão da psicopatologia através dos múltiplos significados que transformam o método fenomenológico em ferramenta crítica, ideal para a pesquisa em psicopatologia que prioriza a abordagem o mais ampla possível da experiência do fenômeno psicopatológico.

As entrevistas tradicionalmente são gravadas para posterior análise. Transcreve-se as gravações em sua totalidade, o que consiste em transcrever o que possibilita que o texto seja lido e compreendido. O ideal é que o entrevistador seja também o transcritor, transcreve o que possibilita que o texto seja lido e compreendido.

depressão com o sujeito-colaborador, que tem ou teve a experiência de depressão.

Além de entrevistas, mais comumente utilizadas na pesquisa fenomenológica, ou de registros, onde se solicita ao sujeito-colaborador que escreva um registro da experiência vivida (Fischer, 1989) pode-se utilizar fitas de vídeo, por exemplo, onde a transcrição do texto nativo a ser analisado inclui a observação de tudo o que se passa, além do que está sendo verbalizado. Tive a oportunidade de utilizar tal recurso em uma pesquisa com mulheres maltratadas desenvolvida na *Pontificia Universidad Católica de Santiago* (Moreira, 1999) e pude constatar que a análise do fenômeno visual, além do auditivo, sem dúvida pode ser extremamente enriquecedora. Ali o instrumento consistiu em sessões terapêuticas de grupo que foram videogravadas para análise posterior. Mais ou menos dentro do mesmo modelo, orientei também pesquisas que se utilizaram de videogravações ou somente de audiogravações de grupos focais, respectivamente sobre experiência de professores no ensino humanista e sobre a experiência adolescente da ditadura chilena (Pézoa, Fernández, Riveros & Tolentino, 2000; Troncoso, Moreno & Videla, 1999). Em ambas as pesquisas, a utilização do grupo focal, onde a pergunta norteadora passou a ser o foco de discussão do grupo, multiplicou as possibilidades de compreensão do fenômeno, agora discutido em grupo. Por outro lado, o grupo, como sabemos torna a discussão pública, o que em alguma medida pode inibir a descrição de experiências mais íntimas ou dolorosas, o que pode acontecer mais facilmente na entrevista.

Sabemos que na América Latina, onde as condições financeiras para a pesquisa são tão precárias, raramente o pesquisador terá uma oportunidade como estas mencionadas, com a utilização de vídeos. No entanto, esta forma pode iluminar outras possibilidades de instrumentos mais flexíveis e complexos, quem sabe mais de acordo com um modelo de pesquisa baseado na fenomenologia mundana de Merleau-Ponty, permitindo sua utilização como ferramenta crítica.

O mais importante para a pesquisa fenomenológica neste enfoque, seja qual for o instrumento utilizado, será a priorização da experiência. Parte-se do pressuposto metodológico de que o

de maneira a possibilitar distintas formas de compreensão do sujeito-colaborador que, de uma descrição do fenômeno vivido, se busca uma compreensão do fenômeno estudado.

Variáveis descritivas

Pesquisadores qualitativos, incluindo a fenomenologia, entendendo que na tradição da fenomenologia, o estudo de caso não é uma teoria fundamentada (Creswell, 1998), não a utilizar critérios ou denominações quantitativa dentro de uma tradição qualitativa, novos nomes para, muitas vezes, se utilizam, por exemplo, em lugar de se falar de 'método' (à pesquisa positivista) se utilizam 'abordagem' mais de acordo com uma tradição fenomenológica.

Penso que, mais do que por um erro metodológico qualitativo ou quantitativo, muitas vezes se utilizam termos, ou a eliminação de alguns termos, na pesquisa mais tradicional de caso, com um clima de competição qualitativa e quantitativa nas ciências humanas e da saúde. Penso que este modelo pudesse ser melhor qualificado se um erro acadêmico grave, já que a pesquisa é essencial, em realidade, não se trata. Na pesquisa em psicopatologia e em psicologia, há dúvida que as pesquisas quantitativas e qualitativas são fundamentais para a epidemiologia e para os estudos qualitativos serão essenciais para a compreensão qualitativa da vivência psicopatológica e da determinação cultural e ideológica. Assim não tenho nenhum problema com a pesquisa que são utilizados pela pesquisa quantitativa e qualitativa que eles se adequem à minha metodologia é qualitativa, fenomenológica.

Este é o caso do termo variáveis descritivas. Os pesquisadores fenomenólogos muitas vezes deixam lacunas na pesquisa qualitativa e quantitativa.

como a depressão (Dawson & Tylee, 2001; Moreira, 2003; WHO, 2002). Por sua vez, esta mesma depressão, que poderá ser uma depressão melancólica, uma depressão reativa, ou uma depressão neurótica na idade adulta, poderá ser uma depressão pré-psicótica, que denuncia o início de um surto esquizofrênico quando na adolescência, merecendo, portanto, cuidados específicos (Tatossian, 1984). O que é patológico em uma idade, não necessariamente o será em outra faixa etária. Assim como o que é patológico em uma cultura, não necessariamente será patológico em outra (Devereux, 1997; Kleinman & Good, 1985; Tatossian, 1997a). O nível intelectual, associado à forma de expressar verbalmente o que se sente, terá também um papel importante na capacidade de expressão do sofrimento psíquico. Pesquisas mostram, por exemplo, como, nas classes mais baixas e nos países não desenvolvidos, a queixa depressiva é basicamente de cunho corporal, com uma sintomatologia prioritariamente vinculada a aspectos físicos (Tatossian, 1984, 1997b).

Enfim, o sujeito-colaborador é um ser mundano, no sentido merleau-pontiano. Ou seja, ele é constituído por aspectos múltiplos, que por sua vez o descrevem como ser humano, neste mundo em que vive. Neste sentido, é útil ao pesquisador conhecer o que for possível conhecer desta mundaneidade que é inerente e intrínseca ao sujeito. Nunca, repito, no sentido de controlar (quando se trata do humano esta é uma pretensão totalmente equivocada, sem falar do questionamento ético em que ela implica), mas no sentido de compreender realmente o significado. Este sujeito-colaborador não é um “ser humano planetário” (Moreira, 2001), o homem ou a mulher do planeta terra. Ele é um ser humano, que pode ser homem ou mulher, que faz parte de uma determinada faixa etária com todas as suas implicações da sua respectiva fase de desenvolvimento, que se constitui mutuamente com uma determinada cultura, uma classe social específica, uma história que é simultaneamente individual e social, interior e exterior. Longe de se alcançar algum tipo de controle pretensamente absoluto ou que dá conta de uma verdade fechada, descrever alguns aspectos que variam não significa rotular ou categorizar, mas simplesmente descrever, sempre tendo

que só os pesquisadores positivistas utilizam. Fenomenólogos geralmente se negam a isso, alegando que eles vão voltar às coisas mesmas ao fenômeno tal como ele aparece, independentemente de qualquer idéia pré-concebida.

Esta posição, mais uma vez diz de um ponto de vista político, mais apoiada no primeiro ponto de vista político pode ser perigosa. A posição do pesquisador, quando ele de fato assume uma forma. Estou falando da famosa neutralidade do pesquisador, herdeira da ciência que se afirma quando, na verdade, não existe neutralidade. É um engodo! O pesquisador jamais será neutro em que faz parte do mundo, o constitui e é constituído por este, o conhece, este mundo lhe é familiar. Para romper esta familiaridade que ele utiliza para a fenomenológica, que, como adiantei, nunca é tão pouco. O pesquisador vive um atolamento que é congênito; ele não é um passarinho, mas um pensamento de sobrevôo, esquecendo-se o que tanto irritava a Merleau-Ponty:

Eles gabavam-se, diria ele mais tarde, de estar de frente: não saberão eles que ele, mundo, os produz? O mais independente dos mundos, a marca e não se pode formular um único mundo que ele seja profundamente condicionado pelo ser que ele pretende visar. (Sartre 1968, p. 11)

Assim, quando o pesquisador elege um problema ou delimita um problema a investigar, ele formula uma hipótese, uma pista, uma intuição, uma hipótese, proveniente do grego, *hypóthesis* e significa suposição, conjectura, acontecimento eventualidade, suposição duvidosa, mas não necessariamente (agora contrariamente à definição no dicionário da língua portuguesa) “relativa a uma hipótese pela qual antecipa um conhecimento, posteriormente confirmada direta ou indiretamente”.

Havia, desde o início do trabalho, uma hipótese de que falar e vivenciar o fracasso possibilitava o crescimento... Na minha compreensão havia esta tese, mas eu não podia me fixar nela, pelo risco de perder o contato com o mais importante em uma pesquisa deste tipo: o dado, o fenômeno. Assim, foi com certa satisfação que pude ouvir textualmente os entrevistados, ressaltando esta nuance do fracasso. Minhas teses não eram e não são de todo só minhas. (pp. 128-129)

A “tese” da pesquisadora era de fato sua hipótese, já que ela tem realmente uma experiência como psicoterapeuta, que também vivenciou a sensação de fracasso como psicoterapeuta e, exatamente por esta familiaridade com este fenômeno é que o tomou como seu objeto de pesquisa. A satisfação que ela menciona nada mais é que o prazer pela comprovação de sua hipótese, ou pelo menos parte dela. É interessante notar como a autora “se trai”. Não explicita uma hipótese mas esta lhe escapa, no próprio texto. E fica claro que não fala de uma hipótese porque com isto ela acredita que correria o risco de distanciar-se do fenômeno. Ora, a redução fenomenológica existe exatamente para ser utilizada neste momento. A hipótese existe pela familiaridade da pesquisadora com o mundo. Não se trata de fixar-se nesta hipótese e sim de colocá-la entre parênteses, duvidando, então, dela, para dar-se conta. Mas em nenhum momento se trata utilizar a hipótese como forma de restrição ou de fixação do pesquisador. Por outro lado, “fazer de conta” que não tem nenhuma hipótese, nenhuma pista ou intuição sobre o tema pesquisado, quando na verdade se tem, é uma posição hipócrita por parte do pesquisador, que fica amarrado dentro do modelo de uma suposta neutralidade científica e, o que é pior, fazendo uso enganosamente de uma metodologia fenomenológica, para tal fim. Quando, ao contrário, a utilização de uma metodologia fenomenológica como ferramenta crítica não pode nunca negar o atolamento congênito do pesquisador no mundo em que vive, estamos falando de um pesquisador mundano. Como nos ensina o próprio Merleau-Ponty (1963): “Pensadores contemporâneos admitem prontamente que o mundo

de intervenção fenomenológica psicoterapêutica. Isto não é errado, valioso, desde que se mantenham éticos para com o sujeito-colaborador. Um cliente e, portanto, não terá com frequência se inicia na entrevista vividas.

Entrevistas fenomenológicas em um lugar tranquilo, onde a pessoa se sente segura. Este aspecto foi muito bem ilustrado por uma orientei como dissertação de mestrado em Fortaleza. A pesquisadora queria explorar a *internet* na experiência de adolescentes. As entrevistas com adolescentes em 2002). O que aconteceu foi uma expressão dos adolescentes, não característica desta fase do desenvolvimento me pareceu, pela má escolha das entrevistas. Falar de experiência pública, ruidoso, não faz muito sentido.

Ainda relacionado ao aspecto intimista deste método de pesquisa, ou trechos das falas dos próprios sujeitos, além dos significados alcançados pela fenomenológica. Penso que essas são o fenômeno mesmo presentes e apreendidos. Por exemplo, os resultados sobre uma pesquisa com e no Chile (Moreira & Coelho, 2002), significado da variação da experiência somente à doença mental, no Chile é frequente que a vivência de uma vivida nos surtos esquizofrênicos incorporação de espíritos relacionados ao Espiritismo. A compreensão de através dos seguintes trechos de

No Brasil

Pois não é? Pensam que isso tudo é de doença, mas a gente sabe que vem de outro canto.... tanto que cura também no terreiro...

Parece que tem um espírito maligno em mim, ou, maligno, que fala pra eu cortar fora a cabeça do cara.

No Chile

Escuchaba voces. Me sentía mal porque estaba enferma, estaba enferma, tenía que andar con médicos y por eso no me dava susto caminar...

Mi cuerpo se pone rígido y siento como que me llegan las vibraciones, como que me traspasan.... Me siento mal poh, porque no tiene porque pasarme esas cosas a mí en mi departamento. Después de las radiaciones me siento débil... Me han ido debilitando...La sentía como real, ahora no las percibo porque estoy acá...

Como he sentido lo he sentido (su cuerpo) un poco pesado, quizá debido a las inyecciones... con ganas de estar durmiendo, somnoliento... como cansacio.... noté los cambios solo con las inyecciones....

Da mesma maneira, vinhetas podem ser extremamente ilustrativas da experiência que se pretende elucidar, tal como se pode observar, por exemplo, no artigo sobre o significado ideológico da depressão (Moreira, 2003), ou no capítulo sob o mesmo título em Moreira (2002). A vinheta resume, numa situação prática de vida, o que se pretende pesquisar:

Era uma vez uma família de agricultores, que vivia no interior do Ceará, no Nordeste do Brasil. Três mulheres, parte desta família, sofriam, com alguma frequência, de uma intensa angústia. A mulher mais velha, a avó da família, dizia que quando lhe baixavam estas coisas, ela precisava rezar muito e procurar uma rezadeira que lhe benzesse. Tinha certeza de que se tratava de espíritos do outro mundo, por conta de mal olhado, e só muita reza pra ajudar; só ir a missa não dava vencimento não. A segunda mulher, filha da primeira, já era velha conhecida no hospital da cidadezinha perto de onde moravam. Vez por outra, marcava uma consulta com o médico se queixando de zoeira na cabeça e de um aperto no peito, sem fim, isso sem falar da dor nas pernas

devendo muito dinheiro. Vez por outra, Fátima ia visitar a mãe e a avó no interior. Chegou um dia com visitas, contando a elas que era doente, que precisava de ajuda. Tinha começado a ter insônias, angústias e choro anos atrás, quando o marido tinha batido nela, vez ao chegar bêbado em casa, mas nunca falou nada porque tinha vergonha. Fátima tinha parado de trabalhar por certo tempo, mas aí começou a se tratar. Depois de tomar os remédios pudera voltar a trabalhar, mas não levando com o marido. Não tinha coragem de falar nada. Preferia se conformar. Tinha medo. Já tinha chorado muito na vida... A mãe e a avó de Fátima a acharam estranha, anestesiada. Justo ela, que sempre tinha sido tão forte, no meio “morta em vida”...

Uma análise fenomenológica mundana

As etapas de uma análise fenomenológica devem ser necessariamente as mesmas em todas as pesquisas. Ao contrário, na medida em que se trata de um fenômeno que é mundano e, sem esquecer a mundaneidade como pesquisadora que sou, eu sou subjetividade própria, com características próprias, quanto singulares, acredito que cada pesquisadora deve construir suas etapas de análise, segundo a realidade de cada situação de pesquisa.

Em Moreira (2001) realizei uma análise fenomenológica inspirada nos passos do modelo de Giorgi (1985), com modificações específicas que configurei chamando aqui de análise fenomenológica mundana, com os seguintes passos: a) Divisão do texto (isto é, a literal da entrevista) em movimentos, segmentos e temas (Moreira, 1993); b) Análise descritiva do movimento emergente do movimento; e c) “Sair dos passos” (isto é, descrevo de que forma esta metodologia se configura como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia).

Esta proposta se diferencia totalmente da análise fenomenológica transcendental, notadamente em dois aspectos fundamentais. O primeiro é a ênfase na

sempre o significado da experiência vivida. A busca do significado é a tarefa fundamental para o pesquisador fenomenólogo que conta com um método que se presta a alcançar uma compreensão dos múltiplos significados da experiência vivida, que tem, por sua vez, múltiplos contornos. A busca de um significado mundano da experiência vivida inclui uma visão de ser humano em mútua constituição com o mundo, com a história, com a cultura.

No caso da psicopatologia isto implica em um significado sempre múltiplo, nunca exato ou enquadrado dentro de uma determinada categoria diagnóstica única. Ao contrário do que reza a tradição diagnóstica que busca inserir o doente mental dentro de uma categoria determinada, o que de fato se tenta compreender é como os significados biológicos, políticos, culturais, ideológicos etc. se entrelaçam na constituição do tecido que compõe um quadro psicopatológico, sempre inexato e com múltiplos contornos. Não é por acaso que mesmo os diagnósticos realizados da forma mais tradicional possível se enganam, se superpõem tantas vezes, variando de uma forma longitudinal, ao longo de diferentes momentos históricos, e de uma forma horizontal, em culturas diferentes em um mesmo período histórico. Um exemplo clássico da variação diagnóstica ao longo do tempo e da história é encontrada no famoso caso de Ellen West (Binswanger, 1997). Diagnosticada com depressão no início do século passado por Binswanger, Ellen West seria provavelmente diagnosticada como anoréxica nos dias atuais das crescentes desordens alimentares. Mas, será que Ellen West não tinha depressão? Ou tinha também? O diagnóstico de Binswanger estaria “incorreto” à luz das novas descobertas no campo da psicopatologia? No que diz respeito à relatividade diagnóstica em diferentes culturas, a atual literatura em psiquiatria e psicologia cultural e transcultural é unânime em reconhecer variações tanto em termos da expressão da sintomatologia como, e principalmente, em termos do significado da experiência sintomatológica vivida (Devereux, 1977; Jenkins, 1996; Kleinman, 1986, 1995; Kleinman, Das & Lock, 1997; Kleinman & Good, 1985; Moreira 2000; Moreira & Aramburu, 1999; Moreira & Sloan, 2002; Sam & Moreira, 2002; Tatossian, 1997a, 1997b).

Um segundo aspecto importante de uma análise

compreensão do objeto de estudo caracteriza seu caráter crítico.

Re-lembrando com Merleau-Ponty, se completa, poderíamos dizer tentando sempre, sem nunca deixar de lado suas hipóteses parciais emergente. Na última etapa da análise parênteses – o pesquisador volta suas suspeitas sobre possíveis camadas de seu objeto de estudo. Este passo ocorre quando descrevi a existência de um fenômeno. Quando proponho que deve haver um fenômeno, o pesquisador estará saindo do parêntese. Neste momento, o pesquisador deixa de ser fenomenológico, onde estava colando hipóteses pré-concebidas, suspeitas, hipotéticas – “ancoramento congênito”. Aqui o pesquisador muda sua hipótese como desconfiança, sua hipótese mundana, dialogando com os resultados da pesquisa e, principalmente com os resultados, evitando o pensamento de neutralidade científica (Moreira, 2000). O potencial crítico do método fenomenológico de Merleau-Ponty surge neste momento da pesquisa, talvez manifestando vários significados emergentes, bem como o pesquisador, terão múltiplos contornos políticos e ideológicos sempre.

Na medida em que a psicopatologia é uma experiência tanto biológica quanto cultural, existindo em mútua constituição com o mundo, a psicopatologia é, portanto, fundamentalmente essencial, mas sim seus múltiplos contornos. Observar é que, apesar dos avanços da medicina, o fato é que os índices de enfermidade continuam altos, quanto os novos tratamentos psicoterapêuticos ou os psicofármacos. A clínica e a pesquisa em psicopatologia

- Binswanger, L. (1997). El caso de Ellen West: Estudio antropológico-clínico. Em R. May, E. Angel & F. Ellenberger (Orgs.), *Existência: Nueva dimensión en psiquiatria y psicologia* (pp. 288–434). Madrid: Gredos.
- Creswel, J. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. Thousand Oaks: Sage.
- Cunha, A. (1997). *Dicionário etimológico nova fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- D'Allonnes, M. (2001). *Merleau-Ponty: La chair du politique*. Paris: Michalon.
- Dawson, A. & Tylee, A. (Orgs.). *Depression: Social and economic timebomb*. London: BMJ.
- Devereux, G. (1977). *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris: Gallimard.
- Delgado, C. P. (2002). *A experiência de internet na vida de adolescentes: Um estudo fenomenológico em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza. Fortaleza, CE.
- Ferreira, A. (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fischer, W. (1989). An empirical-phenomenological investigation of being anxious: An example of the phenomenological approach to emotion. Em R. S. Valle & S. Halling (Orgs.), *Existential-phenomenological perspectives in psychology* (pp. 127–136). New York: Plenum.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. Em A. Giorgi (Org.), *Phenomenology and psychological research* (pp. 23–85). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (1997). The theory, practice, and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. *Journal of Phenomenological Psychology*, 33, 235–260.
- Giorgi, A., Fiescher, W. F. & von Eckartsberg, R. (Orgs.) (1971). *Duquesne studies in phenomenological psychology* (Vol. 1). Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Gomes, W. (Org.) (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Husserl, E. (2001). *Sur l'intersubjectivité* (Vols. I & II). Paris: Presses Universitaires de France.
- Jaspers, K. (1996). *Psicopatología general*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Jenkins, J. H. (1996). Culture, emotion, and psychiatric disorder. Em T. R. Johnson (Org.), *Medical anthropology: Contemporary theory and method* (pp. 71–87). Westport: Praeger.
- Johnson, G. (1996). *Phenomenology and painting: "Cézanne's doubt"*. Evanston: Northwestern University.
- Kleinman, A. (1986). *Social origins of disease and distress: Depression, neurasthenia and pain in modern China*. New Have: Yale University Press.
- Kleinman, A. (1995). *Writing at the margin*. Berkeley: University of California Press.
- Kleinman, A., Das, V. & Lock, M. (Org.) (1997). *Social suffering*. Berkeley: University of California Press.
- Kleinman, A. & Good, B. (1985). *Culture and depression. Studies in the anthropology and cross-cultural psychiatry of the affect and disorder*. Berkeley: University of California Press.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Signes*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1963). *In praise of philosophy and*. Northwestern University Press.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *L'œil et l'esprit*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1966). La doute de Cézanne. Em Merleau-Ponty, M. (1966). *non-sens* (pp. 15–44). Paris: Nagel.
- Merleau-Ponty, M. (1984). *O visível e o invisível*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moreira, V. (1987). O enfoque centrado na pessoa no tratamento da esquizofrenia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 262–281.
- Moreira, V. (1993). Psicoterapia centrada na pessoa e fenomenologia. *Teoria e Pesquisa*, 9, 157–172.
- Moreira, V. (1999). Grupo de Encontro com mulheres e a fenomenologia. *Psicologia (Natal)*, 4, 61–78.
- Moreira, V. (2000). Ideologia e psicopatologia: Uma discussão transcultural. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, 1, 1–10.
- Moreira, V. (2001). *Mas allá de la persona: Hacia una psicoterapia centrada en la persona*. Santiago: Universidad de Santiago de Chile.
- Moreira, V. (2002). Psicopatologia crítica (Parte II). Em V. Moreira (Orgs.), *Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica* (pp. 1–10). Escuta.
- Moreira, V. (2003). The ideological meaning of depression in the contemporary world. *International Journal Of Critical Psychology*, 9, 1–10.
- Moreira, V. & Sloan, T. (2002). *Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica*. Escuta.
- Moreira, V. & de Aramburu, B. (1999). A psicopatologia: Uma abordagem histórico-cultural. *Revista Terapia Psicológica*, 7, 7–16.
- Moreira, V. & Coelho, N. E. (2003). The phenomenological experience: A cross-cultural critical study Brazil-Chile. *Chile*, 21, 75–86.
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage.
- Pezoa, A., Fernández, M., Riveros, P. & Tolentino, K. (2002). *Representación social de la dictadura en Chile en jóvenes o*. Tese de Obtenção de Título de Psicólogo não-publicada, Universidad de Santiago de Chile. Santiago, Chile.
- Polkinghorne, D. (1989). Phenomenological research methods. Em S. Halling (Orgs.), *Existential-phenomenological perspectives in psychology* (pp. 61–100). New York: Plenum.
- Sam, D. & Moreira, V. (2002). The mutual embeddedness of culture and illness. Em W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes (Orgs.), *Online readings in psychology and culture*. Washington: American Psychological Association, Department of Psychology, Center for Cross-Cultural Research. Web site: <http://www.wvu.edu/~culture>
- Sartre, J. P. (1972). *Situações IV*. Lisboa: Europa-América.
- Tatossian, A. (1983). La maladie dépressive. Paris: Ciba-Geigy.
- Tatossian, A. (1984). *La vie faite de mieux: Les déprimés*. Mar del Plata: Trilce.
- Tatossian, A. (1997a). *Psychiatrie phénoménologique*. Paris: Armand Colin.
- Tatossian, A. (1997b). *Phénoménologie des psychoses*. Paris: Armand Colin.
- Troncoso, R., Moreno, A. & Videla, A. (1999). *Del psiquismo a la persona: El facilitador centrado en la persona*. Tese para Obter o Título de Mestre em Psicologia não-publicada, Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Santiago, Chile.
- World Health Organization (2002). Depression. Disponível em: <http://www.who.int>